

1232 S O P A

RUBEM BRAGA

A história é verdadeira; e nisso é que reside o seu caráter fantástico. Um amigo meu ia passando pela praça Quinze quando um negrinho de uns dez anos de idade lhe estendeu a mão:

— Moço, me dá quinhentos réis para tomar uma sopa?

— Tomar uma sopa?

— E' sim senhor.

Meu amigo olhou para o moleque com um ar irônico, mas o moleque estava sério e continuou sério.

— Eu dou deztoes, mas quero ver você tomar essa sopa.

Meu amigo é desses sujeitos desagradáveis que acredita que na verdade quem dá aos pobres empresta a Deus — mas quer saber o que é que Deus faz com o dinheiro emprestado.

— Eu vou tomar ali, moço — e o garoto apontou o dedinho sujo para os lados da rua S. José.

— Então quero ver.

— Uai...

O moleque saiu andando; como ia na mesma direção, o homem foi atrás dele. Olhando a cabecinha do menino, e suas perninhas magras, sua roupa esmulambada, o homem pensava que afinal de contas muita gente faz muito discurso e promete isso e aquilo, e sai revolução e sai decreto e não sei mais o que — e no fim a gente esbarra todo dia com o espetáculo monotonamente doloroso da miséria. Que saúde podia ter aquela criança, que ambiente de família, que educação, que diabo de crença ou de fé? A cara séria com que ele pregara a sua extravagante mentira — quinhentos réis para tomar uma sopa — mostrava a criatura precocemente viciada. Talvez, naquela idade, já começasse a tomar sua cachaca. Ou podia querer o dinheiro para qualquer coisa mais inocente, um refresco ordinário; mas sentia necessidade de falar em sopa, de sugerir fome. Meu amigo pensou no seu próprio filho, que ele procura cercar de todo conforto, e assim mesmo ainda vai crescendo com tantos problemas — e, teve uma grande pena daquele negrinho miserável que ia andando depressa com suas perninhas magras pela calçada onde quase roçavam imensos automóveis reluzentes.

— E' aqui, moço!

Surprêso, meu amigo parou — e entrou com o menino em um desses becos sórdidos da rua S. José, que o novo traçado das ruas vai aos poucos eliminando. O mole-

que entrou em um "fregê" sombrio, metido entre uma casa em demolição e uma quitanda; sentou-se, botou a moeda em cima da mesa e bateu com a mãozinha, com decisão e alegria:

— Uma sopa!

E a sopa, a inacreditável sopa que, depois de tantos anos de inflação, custa cinquenta centavos, veio quente, amarelada, imensa, em um prato encardido e desbeigado. Sopa de que? A pergunta não se faz: uma sopa por cinquenta centavos e ainda se quer saber de que? Era uma sopa verdadeira, no fim de uma história verdadeira, embora sem graça, nem moral. A não ser este comentário que um português gordo que ali estava fez, olhando o menino e piscando o olho para o meu amigo:

— Anda depressa, oh garoto. Essa sopa vai acabar.

~~1232~~
23.3.52

M 134 - 10224/524
DN - 7.6.59